

**A relação dos não-lugares com a atuação do jornalista flexitempo
na produção do telejornal JPB2**

*The relationship between non-places and the performance of flexitempo journalists
in the production of the JPB2 news program*

André OLIVEIRA JUNIOR¹
Fabiana SIQUEIRA²

Resumo

Pesquisas científicas e experiências profissionais apontam uma reconfiguração nas redações jornalísticas, exigindo novas compreensões sobre as rotinas produtivas. Esta pesquisa investiga as transformações no trabalho dos jornalistas do telejornal JPB2, da TV Paraíba (afiliada da TV Globo), em Campina Grande/PB, à luz do conceito de jornalista flexitempo (Sennett, 2009; Oliveira et al., 2021). Inserido no capitalismo pós-industrial, o setor passa por intensas mudanças impulsionadas pelas tecnologias digitais que ampliam o acúmulo de funções e a atuação em "não-lugares" (Augé, 1994). Por meio de entrevistas semiestruturadas com sete jornalistas (Duarte; Barros, 2015), foi possível compreender as dinâmicas do trabalho flexível, marcado por múltiplas tarefas, horários desestruturados e uso intensivo de ferramentas digitais. Os depoimentos revelam como essas tecnologias são centrais para a consolidação do modelo flexitempo nas práticas em não-lugares.

Palavras-chave: Telejornalismo. Jornalista Flexitempo. Não-lugares. TV Paraíba.

Abstract

Scientific research and professional experiences point to a reconfiguration in newsrooms, requiring new understandings of production routines. This research investigates the transformations in the work of journalists at the JPB2 news program, on TV Paraíba (a Globo affiliate), in Campina Grande/PB, in light of the concept of flexitime journalism (Sennett, 2009; Oliveira et al., 2021). Inserted in post-industrial capitalism, the sector is undergoing intense changes driven by digital technologies that increase the accumulation of functions and work in "non-places" (Augé, 1994). Through semi-structured interviews with eight journalists (Duarte; Barros, 2015), it was possible to understand the dynamics of flexible work, marked by multiple tasks, unstructured schedules, and intensive use of digital tools. The testimonies reveal how these technologies are central to the consolidation of the flexitime model in practices in non-places.

Keywords: Television journalism. Flexitempo journalist. Non-places. TV Paraíba.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB.
E-mail: andrebojimjornalista@gmail.com

² Doutora em Comunicação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB.
E-mail: fabiana.siqueira@academico.ufpb.br

Introdução

A busca contínua por melhorias no ambiente corporativo faz com que este esteja se atualizando a partir do que seja mais moderno em termos de produção (Antunes, 2020). Essas atualizações são sempre introduzidas com o objetivo de trazer melhorias e fazer com que os processos produtivos ganhem cada vez mais expansão, menos tempo para a finalização do produto, bem como a aprovação do público consumidor. Entretanto, tais implementações trazem desafios e remodelações para a rotina laboral dos profissionais, principalmente no âmbito que define o início da inserção das mídias digitais na execução das demandas produtivas.

Desta maneira, e sob a ótica dos profissionais atuantes no telejornal JPB2, da TV Paraíba, esta pesquisa tem como objetivo compreender as rotinas desses jornalistas e analisar como seus modelos de trabalho podem evidenciar a atuação do jornalista flexitempo. Não obstante, também buscamos refletir sobre como o produto noticioso pode ser produzido em não-lugares (Augé, 1994). O JPB2 da TV Paraíba é produzido em Campina Grande, cidade com população estimada em 419.379 habitantes³, e transmitido de segunda a sábado, das 18h45 às 19h15.

Para fazer este estudo, foram buscados conceitos que trazem luz às mudanças ocorridas nas rotinas produtivas dentro da espacialidade dos trabalhadores atuantes em telejornalismo a partir da utilização de equipamentos digitais. Tal levantamento vai de encontro a um perfil comum de atuação no jornalismo, que é o jornalista flexitempo (Oliveira et al, 2021), baseado no conceito do sociólogo Richard Sennett (2009) sobre “profissional flexitempo”.

O jornalista que atua nesta condição é um trabalhador com flexibilidade no seu horário de trabalho, com acúmulo de funções e realização das atividades profissionais em lugares fora da redação. Como caracteriza Augé (1994), tal modelo de execução funcional, para além do espaço físico de trabalho, vai de encontro com o que ele conceitua como “não-lugares”. Assim é buscado entender como a execução do jornalismo está em uma posição de constante reestruturação nas suas dinâmicas.

³ Campina Grande possui 419.379 habitantes, segundo o último censo demográfico do IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/campina-grande.html#>. Acesso em: 19 jun. 2025.

Os não-lugares e o jornalismo

Através dos conceitos “lugar antropológico” e “não-lugar” (Augé, 1994) é possível discernir as mudanças ocorridas em uma sociedade que cada vez mais evidencia a transição de um espaço antigo (físico) para a crise de um novo espaço, advindo das adaptações sociais frente às atualizações digitais. Assim, segundo o referido autor, no período de industrialização, o não-lugar e o lugar antropológico possuem uma relação de análise a partir da alteridade. “A tradição antropológica ligou a questão da alteridade à do espaço, é porque os processos de simbolização colocados em prática pelos grupos sociais deviam compreender e controlar o espaço para se compreenderem e se organizarem a si mesmos” (Augé, 1994, p. 158).

Partindo dessa premissa, o termo não-lugar visa descrever a visão sobre mudanças na sociedade desde o início da chamada “supermodernidade”, marcada por mudanças como revoluções políticas e processos de industrialização. O conceito refere-se à ideia de rapidez ou instantaneidade do tempo, permitindo entender a diferença entre as interações que ocorrem nos não-lugares, — caracterizadas como interações solitárias —, e as conexões que acontecem nos lugares antropológicos, — descritas como interações sociais.

A substituição de um espaço pelo outro se dá em razão da virtualização cada vez mais eminente e que evidencia a aceleração do tempo, tendo como resultado a sobrecarga. Segundo ele, “todos nós temos a impressão de estarmos sendo colonizados, mas sem que saibamos ao certo por quem” (Augé, 1998, p. 7). Assim, o foco dos não-lugares é “fazer cada vez mais coisas em menos tempo” (Augé, 1994, p. 54).

A concepção do termo supracitado traz à reflexão que a história da sociedade, em todos os seus âmbitos, se deu através de renovações que levam à adaptação. Para Augé (1994), exemplificando a era do que ele chamou de “supermodernidade”, a concepção de não-lugar é tendenciosa para que os indivíduos se vejam cada vez menos fisicamente, uma vez que o percurso destas alterações transborda o percurso da vida. Neste cenário, Teresa Sá (2008) revela que:

Se o lugar antropológico representa um tempo passado e o não-lugar um provável futuro, pensar a relação entre os dois é de certo modo pensar uma realidade que se joga entre o que fomos/somos e aquilo em que poderemos nos tornar, ou melhor, aquilo em que estamos nos tornando. (Sá, 2008, p. 3)

Além disso, Augé (1994) define que a constituição dos não-lugares também põe o indivíduo em uma posição solitária uma vez que este fenômeno é tendencioso para um desempenho de atividades que são “distanciadas” da sociedade. Trazendo a hipótese para a esfera trabalhista, mais precisamente a jornalística, nota-se o desempenho das atividades laborais sendo concluídas à distância por meio de equipamentos digitais, como, por exemplo, os profissionais do JPB2 que, na busca da produção noticiosa, se entrelaçam entre os lugares conceituados por Augé (1994) e rotineiramente resolvem suas demandas de lugares socialmente distantes e isolados, como é detalhado mais à frente neste estudo.

O sociólogo já citado define que a supermodernidade é marcada por uma atualização advinda de uma quantidade significativa de experiências virtuais e individuais de imagens, bem como relações socialmente distantes e solitárias. Não obstante, também é possível discernir que, através de um espaço único e digital, são popularizados o fluxo de indivíduos e imagens que resumem a sociedade e suas relações a um espetáculo codificado onde ninguém fisicamente faz parte.

Em meio a este fenômeno, as relações com o “outro” são postas de lado e a relação consigo é destacada por não haver tempo de se relacionar com o outro fisicamente, já que a comunicação digital é muito mais instantânea: “o não-lugar é o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo” (Augé, 1994, p. 167). No decorrer desta adaptação, os seres humanos acabam desenvolvendo o senso de um tempo sempre encurtado onde cada pessoa busca não perder os acontecimentos a sua volta por meio dos espaços digitais. Assim, as zonas que são responsáveis por encaminhar as pessoas para outras realidades, como propagandas em painéis eletrônicos, *smartphones* ou outras telas de cristal líquido, se enquadram em uma realidade em que os lugares antropológicos, ou físicos, se tornam chances de interação por meio dos não-lugares, ou, neste caso, lugares virtuais.

Para Choay (2011) é através do tempo que se dá o ordenamento da sociedade a partir das adaptações. No tempo atual, a autora faz uma ligação referindo-se ao conceito de ciberespaço e ao conceito de não-lugar (Augé, 1994) para afirmar que o mundo vive um período de um “novo espaço” ou um “espaço de conexão”:

Este espaço que vivemos é um espaço cada vez mais abstrato e mediatizado, constituído por um conjunto de redes necessárias à circulação das pessoas, ideias e mercadorias, através de automóveis e de aviões, comboios de ondas elétricas e eletromagnéticas, de satélites artificiais. (Choay, 2011, p. 58)

O avanço contínuo do espaço virtual tem levado o cidadão contemporâneo a perceber a tecnologia como um meio eficaz para resolver os desafios do cotidiano. Quando essa percepção é transportada para o campo jornalístico, observa-se uma correlação direta onde o desenvolvimento da atividade jornalística está intrinsecamente ligado à inserção das tecnologias digitais nas rotinas produtivas. Nesse contexto, Augé (1994) aponta que os não-lugares são frutos diretos da constante atualização das estruturas sociais, especialmente aquelas impulsionadas por redes de comunicação — sejam a cabo ou sem fio — que reorganizam a vivência espacial e simbólica do sujeito.

Diante do exposto é possível perceber que as pessoas vivenciam diariamente dinâmicas laborais que as colocam em constante trânsito entre lugares físicos e não-lugares simbólicos. No jornalismo, a produção da notícia já não se restringe ao espaço delimitado da redação, mas se estende a ambientes virtuais, instáveis e multifuncionais, nos quais as práticas jornalísticas são atravessadas por fluxos informacionais mediados por tecnologias digitais. É nesse cenário de deslocalização e aceleração do tempo que emerge o perfil do jornalista flexitempo. Adiante discutiremos como essa categoria — marcada pela multifuncionalidade, pela desestruturação das jornadas e pela adaptabilidade constante — ajuda a compreender as formas contemporâneas de se fazer jornalismo em contextos cada vez mais conectados, solitários e imprevisíveis.

Trabalho digitalizado e a emergência do jornalista flexitempo

A reestruturação operante no ramo do jornalismo, a partir da união do profissional aos meios tecnológicos, levanta uma série de questões sobre a execução da atividade do setor. Entre elas, a prestação de serviços de qualquer lugar e a qualquer hora, uma vez que o maquinário tecnológico e digital corrobora para esta realidade e para a execução de várias funções ao mesmo tempo. Esta tendência não tem volta e esta crise está invadindo as redações jornalísticas (Bertolini, 2017).

Dentro desta perspectiva, o jornalismo em mobilidade caminha para um futuro em que os dispositivos móveis serão pensados em primeiro lugar pela empresa midiática, favorecendo a estratégia *mobile first*⁴, própria da experiência móvel da atualidade. (Canavilhas; Rodrigues, 2017, p. 41)

⁴ “No que diz respeito ao jornalismo, ao adotar o *mobile first*, o veículo, antes mesmo de publicar a notícia ou reportagem, e até mesmo, durante sua apuração ou pauta, passa a pensar primeiro em como aquela informação será veiculada nas mídias móveis.” (Alves, 2018, p. 37).

Na execução de tantas tarefas é destacada, também, uma atividade que só se desenvolve por meio do digital. Assim, a dependência tecnológica que o profissional de jornalismo tem é tendenciosa ao enganá-lo de que ele terá mais liberdade ou controle sobre suas atividades prestadas. Assim, quando o profissional tem o trabalho precarizado pelas tecnologias que usa, Sennett (2009) define este profissional como “flexitempo”. Esta conceituação se aplica ao jornalismo uma vez que nela a precarização do trabalho não se enquadra com os vínculos empregatícios.

Na revolta contra a rotina, a aparência de nova liberdade é enganosa. O tempo nas instituições e para os indivíduos não foi liberto da jaula de ferro do passado, mas sujeito a novos controles do alto para o baixo. O tempo da flexibilidade é o tempo de um novo poder. (Sennett, 2009, p. 69)

Segundo os sociólogos Nunes e Souza (2018), o exercício profissional aliado ao digital reproduz uma reorganização e readaptação nos locais de trabalho. Para tais autores, através do serviço prestado por meio dos espaços eletrônicos, o conteúdo se conecta com o público interessado. Entretanto, esses novos espaços de trabalho abrem discussões para uma esfera de profissionais mais precarizados, fora dos direitos trabalhistas e, no universo do jornalismo, com o produto noticioso prejudicado. Essa hipótese se dá baseada no fator tempo que é imposto sobre os jornalistas através da necessidade do imediatismo.

No novo jornalismo, submetido à pressão da concorrência - que afinal resume todos os outros tipos de pressão -, os jornalistas também são submetidos a regras mais explícitas, destinadas a aumentar a eficiência do processo coletivo de trabalho. Seria esse, e não mais o ‘talento individual’, o grande trunfo do jornalismo moderno. (Abreu, 2002, p. 37)

Dessa maneira, por meio da reestruturação possibilitada com os advindos digitais e com a necessidade do jornalista lidar com o fator tempo, o conceito de flexibilidade de Sennett (2009) evidencia o jornalista flexitempo (Oliveira et al, 2021). Tal profissional possui uma rotina de trabalho desestruturada, flexível e que abre portas para, inclusive, o trabalho executado em casa. Sendo este último, caracterizado pelo sociólogo, como o pior dos flexitempos: o teletrabalho⁵.

⁵ Teletrabalho, também dito trabalho remoto, significa, literalmente, trabalho a distância. Deriva do conceito denominado, em inglês, *telecommuting*.

Um trabalhador flexitempo controla o local do trabalho, mas não adquire maior controle sobre o processo de trabalho em si. A essa altura, vários estudos sugerem que a supervisão do trabalho muitas vezes é na verdade maior para os ausentes do escritório do que para os presentes. Os trabalhadores, assim, trocam uma forma de submissão ao poder - cara a cara - por outra, a eletrônica. (Sennett, 2009, p. 68)

Após essa ponte comparativa entre o conceito de Sennett (2009) e a realidade do trabalho jornalístico, percebe-se que a expressão “jornalista flexitempo” se liga à conceituação que vai para além dos meios onde o jornalista transmite a notícia, uma vez que, na busca pelo furo⁶ este acaba exacerbando seu tempo contratual de serviço ou, em alguns casos, exerce a sua função profissional fora da redação com o intuito de controlar seu trabalho.

Desta forma, com o trabalho se adequando dia após dia neste contexto digital e contemporâneo, visualizamos os jornalistas atuantes em telejornais constantemente ligados ao exercício de sua profissão que exige muita inovação e pouco tempo para produção. Segundo Nicoletti (2019, p. 69), o cenário em que está inserido o jornalismo atual coloca o jornalista como uma “máquina de alta produtividade”, no qual é intencionalmente imposto a necessidade de muita produção e em pouco tempo. No universo do telejornalismo acreditamos que essa situação seja ainda mais agravante, já que, para Schlesinger (1993), a ideia-chave dos jornalistas de televisão é o imediatismo.

Diante desse cenário, os jornalistas que atuam no telejornalismo, inclusive no JPB2, não apenas enfrentam a pressão do tempo, mas também precisam fazer escolhas estratégicas sobre quais acontecimentos serão noticiados e de que forma serão apresentados. Assim, a lógica da alta produtividade imposta ao jornalismo televisivo não se sustenta apenas no imediatismo, mas também na necessidade de selecionar e hierarquizar informações com base nos critérios de noticiabilidade e nos valores-notícia, elementos fundamentais para compreender a dinâmica da produção jornalística na televisão e que serão retratados a seguir.

Metodologia e análise de dados

Para compreender como ocorre a atuação do jornalista flexitempo e como as rotinas produtivas do JPB2 se dão em não-lugares, optou-se pelo método da entrevista

⁶ “Notícia transmitida em primeira mão, antes das outras emissoras.” (Paternostro, 2006, p. 205).

semiestruturada (Duarte; Barros, 2015) partir de entrevistas com os sete jornalistas responsáveis pela produção do referido telejornal da TV Paraíba, afiliada à TV Globo, em Campina Grande. A abordagem busca entender como se dá a rotina laboral sob a ótica flexitempo, o processo de adaptação e os impactos na produtividade dos jornalistas que desenvolvem suas atividades dentro e fora das redações, caracterizando a flexibilização e os não-lugares como já conceituado.

Levando tal contexto em consideração, a escolha metodológica da história oral se dá em razão de que os depoimentos são o reflexo mais real do que é enfrentado pelos entrevistados, possibilitando à narrativa uma compreensão mais humanizada e ética, de maneira que seja possível dar voz e protagonismo aos telejornalistas flexitempo através de suas opiniões, vivências e emoções que constituem, neste caso, suas experiências profissionais na rotina laboral do telejornal supracitado. Para Alberti (1990), tal método é:

A realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (Alberti, 1990, p. 52)

As entrevistas foram iniciadas em dezembro de 2024 e estenderam-se até fevereiro de 2025 em horários que variaram entre manhã, tarde e noite, a partir da disponibilidade de cada fonte que participou do estudo. Cada um dos momentos aconteceu de maneira remota através de videochamadas no *WhatsApp*. A razão para tal escolha do modelo de encontro com os jornalistas ocorreu em função das suas agendas atípicas com compromissos e demandas nos âmbitos pessoal e profissional. Todas as respostas foram gravadas e transcritas.

Dentre os entrevistados estavam: Carlos José Magalhães de Siqueira, coordenador de Jornalismo⁷, chefe de reportagem⁸ e apresentador⁹ do JPB2 (entrevista concedida em

⁷ “Profissional que acompanha a edição de um telejornal e coordena as operações técnicas. Estabelece o dead-line para as matérias, verifica horários das gerações, e faz a contagem do tempo de produção.” (Paternostro, 2006, p. 199).

⁸ “Jornalista encarregado de coordenar o trabalho dos repórteres” (Paternostro, 2006, p. 198).

⁹ “Profissional que faz a apresentação dos telejornais.” (Paternostro, 2006, p. 209).

17 de dezembro de 2024); Ana Maria de Sousa Pereira, editora de texto¹⁰ e de imagens¹¹ (entrevista concedida em 09 de janeiro de 2025); Lídice Anny de Medeiros Pegado, produtora¹² e vídeo-repórter¹³ (entrevista concedida em 15 de janeiro de 2025); Hélio Henrique Bernardino de Andrade, produtor e editor de texto (entrevista concedida em 28 de janeiro de 2025); Ademar Trigueiro Lima, repórter¹⁴ (entrevista concedida em 03 de fevereiro de 2025); Artur Silva Lira, repórter (entrevista concedida em 09 de fevereiro de 2025); e Sandra Paula Veras Amorim Costa, repórter e produtora (entrevista concedida em 10 de fevereiro de 2025).

A análise das rotinas dos jornalistas do JPB2 a partir dos relatos revela uma convivência dinâmica entre o lugar antropológico, associado a relações sociais presenciais e identidades compartilhadas, e o não-lugar, caracterizado por solidão, anonimato e mediações tecnológicas (Augé, 1994). No cotidiano desses profissionais, essas duas esferas se entrelaçam constantemente, como exemplificado em situações em que participam de reuniões presenciais na redação e, em seguida, realizam entrevistas virtuais, gravam passagens (momento em que o repórter aparece diante da câmera na reportagem) sozinhos com o celular ou compartilham conteúdos via aplicativos. Tal realidade aponta para uma lógica produtiva híbrida, marcada pela convergência entre o físico e o digital, e evidencia que, embora o jornalismo ainda se ancore em espaços coletivos, opera de forma crescente nas dinâmicas fluidas da supermodernidade, como pode ser observado no Quadro 1.

¹⁰ “Jornalista que elabora a edição final de uma matéria, responsável pelo texto e imagem.” (Paternostro, 2006, p. 203).

¹¹ “Operador técnico que monta as imagens da reportagem seguindo roteiro prévio estabelecido com o editor de texto.” (Paternostro, 2006, p. 202).

¹² “Jornalista que cria a pauta. É ele quem, ao ler diariamente os jornais, toma conhecimento dos fatos que estão para acontecer, ou que estão acontecendo, levanta temas e assuntos que podem render matérias.” (Paternostro, 2006, p. 213).

¹³ “Repórter que produz, grava imagens, faz entrevista, conta a história, e edita a sua própria reportagem. Ele conduz seu trabalho de acordo com os padrões éticos, absorvendo funções e introduzindo uma nova linguagem jornalística, com enfoque bastante pessoal. Pode ser uma opção para correspondentes internacionais, emissoras locais ou projetos experimentais.” (Paternostro, 2006, p. 225).

¹⁴ “Jornalista que apura e redige informações. Em telejornalismo, ele faz parte da equipe de reportagem ao lado do repórter cinematográfico e dos técnicos que operam a UPJ — Unidade Portátil de Jornalismo.” (Paternostro, 2006, p. 217).

Quadro 1: Experiências híbridas

Profissional	Trecho da entrevista
Carlos Siqueira, coordenador de Jornalismo do Grupo Paraíba de Comunicação em Campina Grande, chefe de reportagem da TV Paraíba e apresentador do JPB2.	“O presencial ainda é o mais forte da nossa redação. Eu não troco presencial por qualquer outra conversa. A gente sempre faz as nossas reuniões de pauta ¹⁵ e se todos não estiverem presentes, a gente faz a famosa chamada de vídeo. [...] Querendo ou não, o nosso contato com o público não é só na hora da exibição do jornal. Temos o nosso <i>WhatsApp</i> e recebemos muito conteúdo do público através deste canal. Analisamos o que chega e, muitas vezes, mandamos para a ilha de edição ¹⁶ . [...] Então, nossa comunicação com a gente mesmo e com eles [o público] é muito acessível por conta do material tecnológico que temos, por conta do celular, enfim”. (Entrevista realizada em 17/12/2024).
Hélio Andrade, produtor e editor de texto do JPB2.	“Hoje a tecnologia permite uma comunicação mais constante. No meio do trabalho de produção mantemos contato com a equipe que fica em João Pessoa, na TV Cabo Branco ¹⁷ , para vermos se algo produzido lá pode ser replicado aqui e vice-versa. Enquanto essa comunicação acontece, aqui na redação, com a equipe da TV Paraíba, vamos nos alinhando para dar seguimento ao jornal local. Essa comunicação aqui também acontece da mesma forma. Às vezes à distância mesmo, pelo celular, e às vezes lado a lado antes do repórter sair para cobrir algo, por exemplo”. (Entrevista realizada em 28/01/2025).

Fonte: Elaboração Própria

No contexto investigado, a atuação dos jornalistas do JPB2 se dá majoritariamente em não-lugares — espaços transitórios e desterritorializados definidos por Marc Augé (1994) —, onde a presença física na redação é pontual e a produção jornalística ocorre, em grande parte, por meio de mediações digitais. As entrevistas revelam que a rotina desses profissionais é marcada por reuniões em aplicativos, edições em nuvem, compartilhamento de conteúdo via *smartphones* e reportagens feitas sem retorno à

¹⁵ “Os produtores e editores discutem e selecionam os temas das reportagens do dia seguinte. É o ponto de partida para o planejamento do telejornal.” (Paternostro, 2006, p. 217).

¹⁶ “Sala onde estão os equipamentos para a edição de uma reportagem em VT.” (Paternostro, 2006 p. 206).

¹⁷ TV afiliada à Rede Globo em João Pessoa/PB e que realiza, diariamente, um trabalho colaborativo com a TV Paraíba, em Campina Grande/PB. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/tvcabobranco/>.

redação, refletindo as dinâmicas da supermodernidade. Nesse cenário, o jornalista opera em um espaço aparentemente autônomo, mas solitário, onde a interação presencial é substituída por um fluxo contínuo de informações mediados tecnologicamente — o que reforça a concepção de Augé (1994) do não-lugar como “o espaço dos outros sem a presença dos outros”, como pode ser visto no Quadro 2.

Quadro 2: “O espaço dos outros sem a presença dos outros”

Profissional	Trecho da entrevista
Sandra Paula, repórter e produtora do JPB2.	“Quando eu cheguei aqui na emissora, em 2001, a gente não tinha o <i>WhatsApp</i> . Hoje a gente faz tudo pelo <i>WhatsApp</i> como facilitador da comunicação. Então, o próprio aplicativo tem agilizado muito o trabalho jornalístico. Seja para a troca de mensagens, a marcação de matérias ou a informação que chega por lá [no <i>WhatsApp</i>]. Ao mesmo tempo, isso coloca a gente em um espaço de trabalho meio autônomo no sentido de presença física. Resolvemos tudo por essas plataformas, nosso trabalho hoje é muito digital, o que facilita no processo e ao mesmo tempo nos afasta.” (Entrevista realizada em 10/02/2025).
Ademar Trigueiro, repórter do JPB2.	“Nosso retorno ¹⁸ é através de um aplicativo de celular e eu utilizo ele para me comunicar com a redação. Antigamente nós não tínhamos essa e tantas outras tecnologias que favorecem a produção do nosso trabalho. Toda a nossa comunicação, quando saíamos da TV, era muito mais complicada. Já houveram épocas em que era necessária a ligação por telefone, mas agora a gente tem um aplicativo onde eu falo com a produção ou com a equipe de jornalismo através desse aplicativo. Assim eu continuo trabalhando de onde estiver e eles de lá da redação, e nossa comunicação permanece disponível para a necessidade de qualquer alinhamento.” (Entrevista realizada em 03/02/2025).

Fonte: Elaboração própria.

¹⁸ Comunicação feita entre o repórter e os jornalistas que ficam na redação. Geralmente esse termo é utilizado para designar os momentos em que o repórter está se preparando para fazer um ao vivo e está ouvindo se comunicando com quem está na ilha de edição da TV.

Entre os perfis emergentes no jornalismo contemporâneo, destaca-se o jornalista flexitempo, profissional cuja atuação é marcada por jornadas fragmentadas, diluição das fronteiras entre trabalho e vida pessoal e intensa mediação tecnológica (Sennett, 2009). No JPB2, essa condição se revela com força nas práticas diárias, em que o uso constante de celulares e outras tecnologias digitais impõe uma lógica de disponibilidade permanente. Embora aparente autonomia, essa dinâmica aprofunda formas de controle e ressignifica os espaços laborais, deslocando a atividade jornalística para os não-lugares (Augé, 1994), onde o trabalho se realiza de modo solitário, móvel e conectado. Assim, o jornalista é compelido a se adaptar continuamente a um ambiente produtivo fluido, onde descanso, mobilidade e entrega se confundem, como pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3: Tempo fragmentado

Profissional	Trecho da entrevista
Carlos Siqueira, coordenador de Jornalismo do Grupo Paraíba de Comunicação em Campina Grande, chefe de reportagem da TV Paraíba e apresentador do JPB2.	“O JPB2 acaba às 19h45. Antes de sair da redação, eu já vou conversando com a equipe que está lá sobre o que iremos trazer no dia seguinte. Alinhamos quais temáticas merecem ser atualizadas no outro dia. Saio do estúdio já pensando em tudo, no caminho de volta pra casa e até nos momentos de descanso. Antes de dormir, dou aquela olhada no celular para ver se saiu alguma coisa. É uma rotina que nunca acaba. Então, jornalista, não tem dia, não tem hora, não tem feriado, não tem dia santo. Tem as folgas regulamentares que a gente tem, dadas por lei também, claro.” (Entrevista realizada em 17/12/2024).
Hélio Andrade, produtor e editor de texto do JPB2.	“Os domingos são dias que não temos jornal, mas estamos em casa ou em momentos de lazer e ao mesmo tempo conectados. Quando não estamos escalados para trabalhar no domingo, ficamos de folga e ao mesmo tempo não ficamos. O jornal no outro dia precisa ir para o ar e quem vai produzir tudo? Nós, os produtores. Então estamos o tempo todo pensando nessa produção. Não tem como se separar disso. É uma sensação que a produção nunca acaba.” (Entrevista realizada em 28/01/2025).
Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.	“Já houve uma situação em que eu estava de folga e trabalhei não estando dentro da redação. Estava dirigindo e vi uma movimentação com uns sete carros da polícia e uma ambulância do SAMU. Parei, fiz imagens pelo celular, fui falar com o policial para saber o que era, mandei tudo no grupo da TV. Então assim, a gente tem muito feeling,

	sabe? Às vezes é tipo assim, é uma ambulância que passa, é um carro da polícia com a sirene ligada, é uma fumaça estranha que vemos de longe, enfim. Tem situações que a gente não consegue ignorar na rua.” (Entrevista realizada em 15/01/2025).
--	--

Fonte: Elaboração própria.

No contexto do jornalista flexitempo, o teletrabalho surge como uma das expressões mais críticas dessa lógica, especialmente em redações enxutas e tecnologicamente dependentes, como o JPB2. Segundo Sennett (2009), trata-se do "pior dos flexitempos", pois intensifica a diluição das fronteiras entre vida pessoal e profissional. As falas dos jornalistas (Quadro 4) revelam que tarefas como edição de textos, revisão de roteiros e entrevistas são realizadas remotamente, por meio de dispositivos móveis, transformando a casa em extensão direta do trabalho. Essa prática reforça a sensação de sobrecarga e disponibilidade permanente, dissolvendo limites espaciais e temporais, uma dinâmica que, ao naturalizar-se, impacta profundamente a identidade profissional do jornalista e amplia sua atuação em não-lugares mediados pela tecnologia.

Quadro 14: Casa e redação

Profissional	Trecho da entrevista
Hélio Andrade, produtor e editor de texto do JPB2.	“Na função de produtor, estamos sempre buscando. Confesso que sim, sempre assumo minhas atividades fora do horário de trabalho também com o intuito de ter um domínio sobre minhas atividades. Chegando na redação, eu já teria que fazer o apuramento. Então vou me adiantando porque assim consigo manter um controle das atividades de produção do jornal.” (Entrevista realizada em 28/01/2025).
Ademar Trigueiro, repórter do JPB2.	“Quando faço conteúdos que não são factuais e que tenho um tempo mais hábil para trabalhar nisso, acabo fazendo em casa, deitado na minha cama e algumas vezes antes de dormir. Creio que ano passado, a melhor reportagem que eu fiz foi fruto de um texto terminado em casa. Uma grande questão que enfatiza muito com que isso aconteça é porque não temos muito controle da nossa criatividade. Acho que como em casa é mais tranquilo, meu cérebro consegue pensar mais e me traz ótimas ideias para os meus textos. Fora isso, é muito comum que estando em casa eu acabe

	<p>analisando possíveis cenários de cobertura ou, quando há necessidade de produção, fico ali de olho nas redes sociais para ver as pautas surgirem e isso é de qualquer lugar mesmo.” (Entrevista realizada em 03/02/2025).</p>
<p>Ana Sousa, editora de texto e editora de imagens do JPB2.</p>	<p>“A gente sempre faz tanta coisa dentro da TV que já houveram momentos em que eu não conseguia pensar em coisas criativas. Então, fora do horário de trabalho, eu tô sempre seguindo diversas páginas no Instagram, perfis policiais, tudo o que houver e muitas vezes a ideia boa sai daí. Então, mesmo estando em casa, quando eu abria o meu Instagram e ouvia alguma notícia, eu automaticamente enviava pra pessoa que eu sabia que tava lá [na TV] no horário. Outro detalhes são os grupos de WhatsApp. Sempre recebo muitas informações por lá e acabo anotando tudo para não esquecer. Quando eu chego na redação, já tenho muita coisa pronta.” (Entrevista realizada em 09/01/2025).</p>
<p>Artur Lira, repórter do JPB2.</p>	<p>“Eu estava em casa, de folga, e eu estava saindo da minha casa para a casa do meu primo. No caminho, eu vi num grupo de <i>WhatsApp</i> que tinha acontecido um duplo homicídio. [...] Quando eu cheguei lá, de fato, estava uma perícia sendo realizada. Na época, por que eu fiz isso? Porque eu sabia que era num domingo e era muito tarde. A redação estava fechada e só iriam apurar no outro dia pela manhã. Com o celular, eu consegui fazer um conteúdo que na segunda-feira, quando eu fosse fazer a reportagem, eu já estaria vários passos à frente.” (Entrevista realizada em 09/02/2025).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Todos os jornalistas do JPB2 entrevistados percebem seus ritmos de trabalho como intensos e, por vezes, estressantes, exigindo resiliência e constante adaptação. Mesmo com a naturalização dessa pressão no cotidiano profissional, os participantes se reconhecem como jornalistas flexitempo, conscientes de que suas atividades extrapolam os limites do expediente formal. Essa autopercepção evidencia a internalização de um modelo produtivo marcado pela mobilidade, pela tecnologia e pela diluição entre tempo livre e tempo de trabalho. Embora ainda pouco debatido nos estudos jornalísticos, o flexitempo já se impõe como realidade concreta nas redações, sendo vivido com lucidez — e, muitas vezes, com sacrifício — por profissionais que, apesar das exigências e contradições contemporâneas, continuam atuando com paixão.

Considerações finais

A pesquisa evidencia que o fazer jornalístico contemporâneo, especialmente no JPB2, está cada vez mais inserido em dinâmicas que dissolvem as fronteiras tradicionais entre tempo e espaço. A atuação dos jornalistas se dá em um modelo híbrido, no qual os não-lugares — espaços transitórios e mediados tecnologicamente, como aplicativos e redes móveis — assumem papel central na produção, revisão e circulação de conteúdos. As redações físicas perdem centralidade frente à lógica da conectividade permanente, deslocando o jornalismo para territórios onde predominam relações distanciadas, práticas individualizadas e sensação de impermanência, como proposto por Augé (1994).

Nesse cenário, emerge com força o perfil do jornalista flexitempo, profissional cuja jornada se estende para além dos limites formais do expediente e se adapta continuamente às demandas de um ambiente digitalizado, móvel e acelerado. No caso do JPB2, os jornalistas relatam experiências marcadas por acúmulo de funções, disponibilidade constante e realização de atividades em espaços não convencionais — como o lar ou locais públicos —, onde o tempo de descanso é constantemente invadido por notificações e exigências urgentes. Essa lógica produtiva reconfigura o espaço-tempo do trabalho, transformando o cotidiano jornalístico em uma rotina fragmentada, conectada e, muitas vezes, solitária.

A articulação entre os conceitos de não-lugar e flexitempo oferece, portanto, uma chave interpretativa potente para compreender os modos contemporâneos de se fazer jornalismo. No JPB2, observa-se que essas categorias não apenas explicam as transformações no ambiente profissional, mas revelam também as contradições de uma prática marcada pela paixão, pela vocação social e pela resiliência, mesmo diante da sobrecarga e da precarização. Assim, o jornalista flexitempo atua em constante deslocamento - simbólico e territorial -, em um jornalismo que se reinventa entre o físico e o digital, entre o vínculo coletivo e a solidão conectada dos não-lugares.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002 (Descobrimos o Brasil), ISBN 85-7110-685-1.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0.** In Antunes, Ricardo. (Org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.* São Paulo: Boitempo, 2020. p. 11-22.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus Editora, 1994.

AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos.** Oeiras: Editora Celta, 1998.

BERTOLINI, Jeferson. **Jornalista multimídia e multitarefa:** o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina Graduação, 2016.

CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina. **Jornalismo móvel:** Linguagem, gêneros e modelos de negócio, Covilhã: LabCom, 2017.

CHOAY, Françoise. **O patrimônio em questão.** Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2011.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2015.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação:** proposta de um modelo de análise. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

NUNES, Ana Flávia Paulinelli Rodrigues; Souza, Douglas Modesto. As relações de trabalho e as plataformas digitais: entre discursos e verdades. **Revista do curso de Direito do UNIFOR**, V 9, N° 2, p. 74-92, 2018. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/503>.

OLIVEIRA, Aline Barbosa; OLIVEIRA JUNIOR, André Luis Barbosa de; LIMA, Verônica Almeida de Oliveira. O jornalista flexitempo campinense na pandemia de covid-19. *Revista Iniciacom: Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social*, V 10, N° 2 (2021).

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 2, p. 209–229, 2014. DOI: 10.1590/S0103-20702014000200012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/97978>.

SCHLESINGER, Philip. **Os jornalistas e a sua máquina do tempo.** In: Lisboa: Veja, 1993.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14.ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.